

Eu senti meu coração bater muito forte: relatos sobre vivências musicais

Tatiane dos Passos de Oliveira[1]
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS
Sandra Rhoden[2]
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Resumo: Este artigo apresenta uma comunicação de pesquisa que teve como objetivo oportunizar vivências musicais aos meus 20 alunos com idades entre 5 a 6 anos. Com uma abordagem qualitativa, o método escolhido foi a pesquisa-ação, sendo que os dados foram coletados por meio de observações e áudio gravação a partir da voz das crianças e transcritos para posterior análise. As colaborações de Brito (2003); Ilari (2013); Lino (2012) e Maffioletti (2001) sobre as práticas musicais na Educação Infantil possibilitaram a contextualização dos relatos das atividades desenvolvidas com o presente referencial teórico. A voz das crianças permitiu uma análise de dados que configurou-se de maneira viva e consistente diante minhas questões de pesquisa. Em consequência a ideia de um fazer musical pensado a partir de vivências musicais determinou a necessidade de novos planejamentos e proposições em minha rotina diária com relação a música.

Palavras-chave: Vivências musicais; educação infantil; a voz das crianças.

Introdução

Desde o início, como docente na Educação Infantil, procurei manter e proporcionar uma rotina diária com atividades variadas, pois acredito ser importante para o desenvolvimento das crianças de uma maneira em geral. Na realidade, observo ser na escola que a maioria destes alunos terá o contato com outros conhecimentos. Barbosa (2006), com relação à proposição de atividades pedagógicas que seguem uma rotina, referencia que essas desempenham uma função muito importante no dia a dia da sala de aula. A autora afirma que

> A rotina desempenha um papel estruturante na construção da subjetividade de todos que estão submetidos a ela. Esses rituais são geralmente decididos pelos adultos, mas também as crianças os estabelecem. As rotinas pedagógicas da educação infantil agem sobre a mente, as emoções

[1] Especialista em Educação Musical e Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS. Graduada em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. Atua como professora no município de Montenegro/RS.

[2] Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; Licenciada em Música pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS e Graduanda em Artes Visuais pela mesma Universidade. É professora na Fundação Municipal de Artes de Montenegro – FUNDARTE desde 1994, atuando nas áreas de música e artes visuais, com ênfase nos temas: musicalização infantil, pedagogia do piano, artes visuais, formação de professores e projetos integrados. Coordenadora do Projeto Arte na Escola – Polo FUNDARTE e docente como professora convidada no Curso de Especialização em Educação Musical pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS.

> e o corpo das crianças e dos adultos. É importante que as conheçamos e saibamos como operam, para que possamos estar atentos às questões que envolvem nossas próprias crenças e ações. Afinal, reconhecer limites pode ajudar a enfrentá-los. (BARBOSA, 2006, p. 60).

Penso que o professor que decide trabalhar com crianças ocupa um cargo em que os cuidados e a educação são fundamentais no processo do desenvolvimento infantil. De acordo com Felipe (2005, p. 7), o espaço escolar destinado à Educação Infantil é "diferente do ambiente doméstico, com uma rotina específica, com pessoas com as quais a criança nunca teve contato, deve ser sentido como prazeroso".

Portanto, as ações pedagógicas, especificamente na Educação Infantil, devem ser pensadas e planejadas de forma lúdica. É através do jogo, da brincadeira, das vivências e novas experiências que contribuímos e possibilitamos às crianças formas divertidas de relacionarem-se e socializarem-se, promovendo interação e integração entre os pares de maneira social e individual.

A música e a criança

A criança convive com a música e recebe estímulos musicais do seu contexto, antes de ingressar na escola. Conforme vai se desenvolvendo, o contato com o cotidiano sonoro e as suas vivências musicais vão se ampliando.

Sobre a importância da música no contexto infantil, Ilari (2013, p. 46) destaca que "ao oportunizar o ensino da música às crianças desde cedo, damos a elas a chance de desenvolverem diversas habilidades importantes". Acredito na importância dessa prática para o desenvolvimento social e intelectual do indivíduo, especialmente na primeira infância, quando os conceitos de sociedade, formação da leitura, da escrita, entre outros, estão sendo formados.

A pesquisa com crianças

Para fundamentar a pesquisa com crianças e as questões éticas que devem ser consideradas ao envolvê-las em um procedimento investigativo, encontrei em minhas leituras considerações importantes e relevantes para este trabalho.

Tratando-se da presença da criança em pesquisas, Rhoden (2010) colabora ao dizer que:

> Por muito tempo, a presença da criança em pesquisas teve por finalidade saber *sobre* o que as crianças faziam, pensavam e expressavam, através de informações obtidas, geralmente, por um familiar ou professor. A descrença pela competência da criança ao comunicar-se, traduz e revela as condições de como eram realizadas as pesquisas, anulando qualquer possibilidade de voz da criança, predominando a informação e a interpretação do adulto. (RHODEN, 2010, p. 30).

Dessa forma, justifica-se a inclusão da voz dos meus alunos ao realizar as vivências musicais propostas por mim.

Expressando-se corporalmente

Para realizar a atividade, coloquei músicas de diversos gêneros musicais (Gaúcha, do Folclore Gaúcho, Rock, Sertanejo Universitário, Samba e Funk). Ao selecionar as músicas para esta atividade, incluí o Funk (O Bonde Passou – MC Gui) e Show das Poderosas (Anitta), para contemplar o repertório musical do cotiando das crianças. Para Ilari (2013, p. 56), as crianças gostam da música que conhecem “a familiaridade é um dos elementos que determina o gosto musical”.

Durante a atividade de expressão corporal as crianças demonstraram muita afinidade e alegria ao movimentar-se ao som do repertório que incluiu músicas do Funk e Samba.

Conhecendo e vivenciando instrumentos de percussão

Após deixá-las experimentarem os instrumentos, solicitei que, uma de cada vez tocasse o seu instrumento. De acordo com Maffioletti (2001, p. 130), “as crianças precisam ter experiências concretas com objetos que emitem sons, instrumentos musicais ou outros para formar um vocabulário específico para se referir a eventos sonoros”.

Dando continuidade à mesma atividade, coloquei o áudio da música *Samba Lelê* e solicitei que pegassem novamente um instrumento de percussão, para acompanhar a música. Nesse momento, não era a minha intensão que elas marcassem corretamente a pulsação da música com o instrumento, e sim verificar como executariam. De acordo com Brito (2003, p. 65), “o mais importante é permitir

e estimular a pesquisa de possibilidades para produzir sons em vez de ensinar um único modo, em princípio correto, de tocar cada instrumento".

A partir deste diálogo, as crianças relacionaram a atividade com instrumentos de percussão com o ato de brincar, como diz Manoela: *a gente brinquemos com os instrumentos*, exploração livre dos instrumentos permitiu que elas se sentissem livres.

Apreciação do desenho animado "Eu quero tocar música também" – Episódio de Charlie e Lola

No dia em que assistimos a um episódio do *DVD Charlie e Lola: Eu quero tocar música também,* conversei com as crianças explicando que iríamos assistir a um desenho animado em que toda a história seria contada através da ajuda de instrumentos musicais. Para Lino (2012, p. 218), ao propor atividades que envolvam a apreciação de "contos musicados" para as crianças estamos colaborando para o desenvolvimento de "diferentes modos de interpretação oral, vocal e ou instrumental, vivenciados por elas nessa escuta, serão outros desafios à sua imaginação e criação".

Prestando a atenção na voz dos meus alunos, sobre a apreciação do episódio "Eu quero tocar música também", percebi que as crianças se envolveram muito e manifestaram o desejo de confeccionar instrumentos, assim como a personagem Lola.

Confecção de chocalhos

Distribuí para cada criança uma garrafinha pet de refrigerante e solicitei que escolhessem um dos materiais disponíveis e colocassem dentro (água, giz de cera, grãos de arroz e lentilha, dadinhos, pedrinhas e areia). Após colocarem os materiais dentro das garrafinhas, cada criança decorou o seu chocalho utilizando canetas permanentes de várias cores, identificando-o com o seu nome. De acordo com Brito (2003, p. 69), ao planejarmos atividades onde as crianças constroem "instrumentos musicais e/ ou objetos sonoros", proporcionamos momentos de estímulo "à

pesquisa, à criatividade, sendo, por isso, ótimo meio para desenvolver a capacidade de elaborar projetos".

Chocalhos prontos, estavam ansiosos para tocá-los, era o momento de deixar as crianças explorá-los. À medida que vivenciavam os chocalhos eu fazia alguns questionamentos sobre a diferença de timbre de cada um, sobre a intensidade do som, o que era mais agradável de ouvir ou ao contrário.

Conto Sonoro

A partir da atividade de confecção dos chocalhos, e como última atividade deste trabalho, propus às crianças que, assim como Charlie e Lola, criássemos uma história. Conforme Brito (2003, p. 161), quando a criança tem a oportunidade de ouvir e criar as suas histórias são estimuladas a invenção, bem como, o desenvolvimento do "contato e a vivência com a linguagem oral e ampliam recursos que incluem o vocabulário, as entonações expressivas, as articulações, enfim, a musicalidade própria da fala".

Para a sonorização da história, utilizamos os chocalhos confeccionados no encontro anterior, contextualizando os diferentes timbres para a representação sonora de cada personagem ou situações ocorridas durante o conto. Nesse sentido, propus que as crianças explorassem o sons dos seus chocalhos e sugerissem em que momento da história eles poderiam ser inseridos.

Para Lino (2012, p. 217), "cabe ao professor desafiar seus alunos à exploração das diferentes sonoridades provocadas pelas frases narradas, sem sugerir este ou aquele som, mas levando o grupo a discutir suas preferências".

Após a realização do conto sonoro as crianças sentiram-se satisfeitas com a sua participação na construção do conto.

A voz das crianças sobre as vivências musicais

Após a realização de todas as vivências musicais que planejei para este trabalho, percebi a importância de retomar o diálogo com as crianças, a partir de suas vozes, para continuar respondendo minhas questões de pesquisa, assim como

proporcionar um momento de auto avaliação das mesmas. Para Brito (2003, p. 199), "é importante estimular a prática da auto avaliação", pois é através dela que também avaliamos o seu envolvimento e suas preferências sobre uma ou outra atividade que foi desenvolvida.

Com relação à atividade de *expressão corporal*, a partir de gêneros musicais, José lembrou da música dos gaúchos que tinha dançado; Manoel ressaltou o momento em que cantamos a música Samba Le Lê; Pedro contemplou a atividade com os *instrumentos de percussão* e a realização do *conto sonoro*; Marcelo preferiu a atividade de *apreciação* do DVD de Charlie e Lola. Mas, o que mais me tocou foram os relatos de Rafael, Maria Eduarda e Gabriela, que destacaram *o sentir* durante as atividades, relacionando o som do coração com a emoção de tocar os instrumentos, bem como as relações feitas por Maria Eduarda, especificamente quando diz: *Eu senti que era bom e eu tava com meus amigos, e eu queria brincar, dai a gente brincou de tocar e nem teve aula.*

Penso que essa frase em destaque pela voz de Maria Eduarda define literalmente que a experiência com vivências musicais fez sentido de maneira significativa para todos.

Considerações Finais

Com a realização deste trabalho, percebi que as atividades relacionadas a vivências musicais foram contempladas e relacionadas pelos meus alunos como brincadeiras, e isso é foi essencial, pois permitiu o romper de barreiras do real e do imaginário, auxiliando-as a expandir suas potencialidades, dando-lhes autonomia para agirem e expressarem-se em relação aos conteúdos trabalhados e perante seus colegas.

Nesse sentido, gostaria de salientar que, na maioria das vezes, as práticas musicais alicerçadas nos fundamentos da educação musical, como vivências relacionadas ao som, aos instrumentos, à prática corporal, à apreciação, à composição entre outros, não é desenvolvida pelos docentes da Educação Infantil,

especificamente por falta de formação continuada ou por deficiência de conteúdos musicais na grade curricular dos cursos de Pedagogia.

Tendo em vista os retornos e a evoluções significativas que tais práticas oferecem no processo de aquisição da fala, da escrita e do convívio entre os envolvidos no processo de aprendizagem, em geral, não apenas ao socializar-se com os colegas, mas também na relação com o professor, que "brinca" e fortalece os laços afetivos com seus aprendizes.

Durante as atividades que desenvolvi com meus alunos, observei a singularidade de seus fazeres, pois individualmente cada criança traz sua forma de expressar através da sua voz as vivências de seu cotidiano familiar e escolar, exteriorizando, assim, seu universo particular.

Percebi que as crianças têm muito a dizer, são curiosas em relação ao mundo que as rodeia. As experiências, trocas e interações que aconteceram, no período desse projeto, contribuíram para que elas tivessem uma oportunidade real de expressar suas ideias com diálogos abertos e interativos.

Com relação às atividades musicais pensadas para a Educação Infantil, confirma-se, neste trabalho, a importância de ampliar estas práticas em um fazer musical com sentido para as crianças, e que vão além do ato de cantar.

Referências

BARBOSA, Carmen Silveira. A rotina nas pedagogias da educação infantil: dos Binarismos à complexidade. *Currículo sem Fronteiras*, v.06, n.1, p. 56-69 Jan/Jun 2006. Disponível em: http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/barbosa.pdf. Acesso em 08 de setembro de 2014.

BRITO, Teca Alencar de. *Música na educação infantil*: propostas para a formação integral da criança. 2. ed. São Paulo: Petrópolis, 2003.

FELIPE, Jane. Aspectos gerais do desenvolvimento infantil. In: CRAIDY, Carmem Maria (org.). *O educador de todos os dias:* convivendo com crianças de 0 a 6 anos. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005, p. 7-17.

ILARI, Beatriz. *Música na infância e na adolescência*: um livro para pais, professores e aficionados. Curitiba: InterSaberes, 2013.

LINO, Dulcimarta Lemos. Música é cantar, dançar, brincar! E tocar também! In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da. (org.). *As artes no universo infantil*. Porto Alegre: Mediação, 2012, p. 193 – 234.

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. Práticas musicais na escola infantil. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. (org.). *Educação Infantil*: pra que te quero?. Porto Alegre: ARTMED, 2001, p. 123-134.

RHODEN, Sandra. *O sentindo e o significado da notação musical das crianças*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.